

Jugendliche Fußballfans: Soziale und politische Orientierungen, Gesellungsformen, Gewalt. Torcedores adolescentes de futebol: Orientações sociais e políticas, sociabilidades, violência.

HEITMEYER, Wilhelm, PETER, Jörg-Ingo. Weinheim: Juventa, 1992. 180p.

Resenha por Martin CURI

Introdução

Uma grande questão da pesquisa com torcedores de futebol é a dificuldade de identificar grupos no interior da torcida. Existe um consenso: a multidão de espectadores não é homogênea. Há muitas maneiras de se assistir futebol: no estádio ou na televisão, sozinho ou com amigos, como paixão da vida ou lazer ocasional, na geral ou na arquibancada. O que une e o que diferencia todas estas maneiras de ser torcedor?

O sociólogo alemão Wilhelm Heitmeyer conseguiu, em sua pesquisa sobre torcedores adolescentes, traçar uma caracterização fundamental, categorizando os torcedores em: a) cliente orientado para o consumo (*konsumorientierter Kunde*); b) torcedor centrado no futebol (*fußballzentrierter Fan*); e c) torcedor orientado para eventos (*erlebnisorientierter Fan*). Creio ser importante inicialmente apresentar a linha teórica que levou Heitmeyer a tal caracterização. Ao final, procurarei apresentar algumas considerações sobre a utilidade deste conceito e a possibilidade de sua aplicação ao caso brasileiro.

Individualização, Juventude e Comercialização

Heitmeyer inicia seu livro com um levantamento das pesquisas sobre torcedores de futebol até o ano 1992. Na sua análise, percebe três pontos críticos:

1. As pesquisas se concentram demais em explicar o comportamento dos torcedores através da personalidade individual e esquecem fatores mais globais, como o processo de socialização de adolescentes numa determinada sociedade;
2. Faltam pesquisas baseadas em teorias.
3. Falta uma descrição das possibilidades de trabalhos pedagógicos com torcedores, como os advindos do serviço social.

Este último ponto foi o estímulo central para a segunda parte do livro, escrito por Peter, que buscou fazer um inventário das ações do serviço social com torcedores na Alemanha da época. A resenha não vai tratar destes capítulos, mesmo sabendo que este trabalho poderia ser interessante para Brasil, já que os conceitos nessa área progrediram muito desde então¹.

Os outros dois pontos levaram Heitmeyer a analisar teoricamente os principais elementos das sociedades modernas ocidentais que influenciam na socialização de adolescentes. Para ele, existem duas ocorrências centrais: a individualização e a nova definição da fase da juventude.

A análise da sociedade de risco de Beck é sua principal fonte para discorrer sobre os fenômenos da individualização. Ela é caracterizada pela individualização de situações e caminhos da vida e resulta em diminuição da importância da família, dissolução das classes, diferenciação dos grupos sociais, relações de concorrência, áreas de moradia anônima e necessidade de decidir o que fazer com o novo tempo livre. As consequências: as pessoas sofrem com a obrigação de mobilidade para conseguir emprego e com o aumento da concorrência na busca por trabalho. A criação de uma identidade se torna mais difícil e provoca tendências de desorientação. Isso afeta especialmente os adolescentes, que estão na fase de construir a própria identidade.

Heitmeyer analisa que os jovens enfrentam várias contradições:

- a juventude foi juridicamente encolhida, mas economicamente prolongada, porque a autonomia tende a começar mais tarde.
- ir à escola tornou-se mais importante, mas o certificado final tem sido desvalorizado, porque mais pessoas vão para escola.
- o prolongamento da juventude sugere uma certa importância dessa fase, mas ao mesmo tempo se perde a noção dessa importância pelo futuro.
- adolescentes devem se mostrar independência, mas não têm espaço para isso.
- existe uma supervalorização da família, mas falta apoio financeiro do Estado.
- a política prolonga a fase da juventude, mas não elabora um programa para ela.
- jovens devem aprender uma profissão, mas enfrentam especialmente o desemprego.

O resultado é a exclusão, a desvalorização e o isolamento dos adolescentes. Por isso é típico que jovens se afilem a subculturas, como torcidas organizadas, galeras de baile funk, surfistas ou lutadores de Jiu-Jitsu, à busca de criar uma identidade.

Heitmeyer difere dois tipos de subculturas: as de baixo e as de cima. Subculturas de baixo são as que foram criados por adolescentes e cresceram entre eles. Têm valores próprios e oferecem uma oportunidade de construção de uma identidade. As torcidas organizadas fazem parte deste grupo. Subculturas de cima são as que foram criados por empresas de entretenimento e lazer para provocar o consumo e lucro. São um produto comercial e vazio de valores ou identidades. Heitmeyer detecta que existem forças no futebol que querem criar uma subcultura para vender o produto futebol. Dessa forma conclui que existem pessoas que vão para o estádio majoritariamente por motivos de consumo, enquanto outros buscam valores da sua subcultura, que aliás vão além do esporte futebol.

Consumo, Futebol, Evento.

Os torcedores podem ser diferenciados pelo significado que o futebol tem para suas vidas:

- O futebol poderia ser trocado por uma outra coisa na vida deles?
- Qual é o significado esportivo do futebol?
- Qual é a relevância de reconhecimento social na torcida?
- Eles estão fixados ao seu grupo?
- Qual é seu lugar social?

A partir dessas questões, Heitmeyer diferenciou os torcedores em três grupos: cliente orientado para/pelo consumo (*konsumorientierter Kunde*), torcedor centrado em futebol (*fußballzentrierter Fan*) e torcedor orientado em eventos (*erlebnisorientierter Fan*).

O primeiro grupo (clientes orientados para/pelo consumo) vê o futebol como uma atividade de lazer entre outras. Eles escolhem as atividades do seu tempo livre pela qualidade; ou seja, não estão fixamente ligados a um certo time, nem ao futebol. Eles querem ver um bom produto que justifique o dinheiro que gastaram. A identificação com um grupo fixo é fraca. Eles conseguem seu reconhecimento social fora do estádio. O

futebol tem pouco significado social. Estes torcedores assistem jogos normalmente nas cadeiras nas tribunas.

Segue um trecho de uma entrevista de Heitmeyer para ilustrar este tipo de torcedor.

T.: Não vivo do futebol no meu tempo livre. Tenho muitas outras atividades, por exemplo música.

E.: Você já teve dificuldades para decidir entre um bom show de música e um jogo de futebol?

T.: Nunca senti isso, mas isso depende da banda que vai tocar. Se tocasse minha banda favorita e o preço fosse o mesmo, acho que preferiria o show. Não tem show cada sábado. Por outro lado, se fosse minha banda favorita e um jogo entre os primeiros colocados do campeonato, teria que avaliar as vantagens.

E.: Vantagens ?

T.: Certamente. Tenho de ver o dinheiro, o tempo e a atmosfera geral. Algumas vezes não sinto vontade de ir ao estádio. Se eles perderem os últimos jogos, eu penso: o que faço lá, se eles perderem de novo? Aí prefiro ir a uma outra coisa. Depende. (p.58)

O oposto deste comportamento é representado pelo torcedor centrado em futebol, o que não troca o futebol por nada. Ele quase não se importa com a qualidade do jogo e com o sucesso do seu time. Seu valor principal é a fidelidade ao clube e a sua torcida. Este torcedor é muito ligado ao seu grupo social no estádio, onde encontra sua auto-afirmação. Este grupo de torcedores se reúne nas arquibancadas ou na geral e vê este lugar como seu território. A comercialização do futebol é interpretada como ameaça. Futebol significa para eles muito mais do que um jogo. Ele é um *locus* de sociabilidade e participação emocional.

Isso fica claro no depoimento de um torcedor:

T.: “Hoje em dia não posso imaginar nenhum evento ao qual eu dê prioridade além do futebol. [...] Se uma namorada falasse, ou o futebol ou eu, então optaria pelo futebol, não tem dúvida. [...] É o melhor para mim; quero dizer, seria necessário dividir o jogo em duas partes. Antes do jogo e durante o jogo. Antes do jogo existe a amizade. Acho isso muito importante, você consegue beber uma cerveja em grupo. Você encontra os outros muito pouco e aí é muito legal beber sossegado uma cerveja juntos. E depois a arquibancada. Adoro a atmosfera no nosso estádio” (p. 59).

O último grupo, dos torcedores orientados para eventos, difere dos dois primeiros porque é composto por torcedores que não percebem mais o futebol como esporte, mas como espetáculo com situações tensas, percebidas como prazerosas. Se estas situações

não acontecem, eles as criam. Isso pode se dar com danças, coreografias, brigas ou situações tensas com a polícia. O resultado do jogo não é mais tão importante. O que vale é chamar a atenção. Para isso eles nem precisam ficar num lugar específico no estádio e nem precisam do próprio futebol. Eles poderiam satisfazer o desejo de “acontecimentos” em outros lugares, como por exemplo em boates ou shows. Representantes típicos deste grupo são os *hooligans*, mas também os torcedores-símbolo, que querem mais chamar atenção e dar espetáculo do que ver o jogo. Isso mostra que o comportamento deste grupo não precisa ser necessariamente violento.

Segue também para este caso um exemplo de entrevista:

E.: “O que é mais interessante para você: que o “bicho pegue” ou que seu time ganhe?”

T.: As duas coisas.

[...]

E.: A qual jogo você iria: Kaiserslautern ou Munique?

T.: Bem, Munique é claro, mas Kaiserslautern? Onde o bicho não pega, para lá não vou.

E.: O que significa o “bicho pega”?

T.: Por exemplo em Munique há uma boa atmosfera e bem, porrada e tal, o bicho pega. (...) Tudo isso só é bom se você for com um grupo. Você chega na outra cidade e lá já estão os adversários, quer dizer, os torcedores do time adversário, e entre nós a polícia; se eles provocam muito ou ultrapassam a barreira da polícia, aí o bicho pega mesmo. É assim que eu vejo (p.61)”.

Esta caracterização de torcedores deve ser entendida como uma construção de tipos ideais. O que significa que nem tudo mundo se enquadra perfeitamente nestes grupos, mas fica entre eles.

Torcedores adolescentes na luta por sua identidade.

O trabalho de Heitmeyer foi um grande passo nas pesquisas sobre torcedores de futebol porque conseguiu, primeiro teoricamente e depois empiricamente, identificar grupos ideais na torcida. Esta diferenciação é um instrumento para pesquisas que possibilita a concentração em um ou dois grupos. Normalmente as pesquisas se concentram nos torcedores centrados em futebol e orientados em eventos, como é o caso das pesquisas brasileiras sobre as torcidas organizadas.

Com isso se levanta a questão: é possível aplicar os conceitos de Heitmeyer da Alemanha a outros países, especialmente ao Brasil? A minha própria experiência de

pesquisas no Brasil é que as pessoas poderiam ser divididas entre torcedores normais, torcedores fanáticos e torcedores fanáticos e violentos. Normal é considerado aquele que gosta de futebol como um bom jogo, mas não mostra nenhum comportamento extravagante por causa disso. Os fanáticos são torcedores que vestem a camisa e não perdem nenhum jogo. Finalmente os fanáticos e violentos são os que procuram briga e não o futebol no estádio. É possível reconhecer aí a caracterização de Heitmeyer.

Mas há uma pequena diferença entre a categorização de torcedores orientados para eventos e torcedores fanáticos e violentos. No conceito de Heitmeyer os torcedores não têm de ser necessariamente violentos. O evento pode ser a violência, mas pode ser também aparecer na televisão por causa de uma fantasia, tocar na bateria ou cuidar de bandeirões. Quem faz isso normalmente vê pouco do jogo mas ganha reconhecimento no seu grupo social. Ele tem seu desejo de um evento social satisfeito.

Um outro grande ganho do trabalho de Heitmeyer é o seu valor explicativo. Ele mostra que na torcida existem diferentes grupos com valores diversos. O futebol não é visto por todo mundo da mesma maneira. Ele consegue descrever estes valores e percebe que são opostos. Os clientes orientados para o consumo querem assistir ao jogo sentados, com boa visão e serviços; já os outros dois grupos querem assistir ao jogo em pé, dançando e cantando e nem precisam ver o jogo direito. Os torcedores centrados em futebol entendem seu time como uma comunidade, que tem de ser protegida. Os outros dois grupos não têm este sentimento e por isso são interpretados como ameaça. Só com estes exemplos ficou claro que o conflito entre estes grupos é bem provável. A torcida não é um grupo homogêneo.

Com este pensamento, Heitmeyer também proporciona explicações sobre a questão da violência. A ameaça aos valores de um grupo é percebida por ele como violência. Isso pode até mesmo vir de uma coisa aparentemente ingênua, como obrigar um torcedor centrado em futebol a se sentar ou, ao contrário, se a torcida em pé dificultar a visão de um cliente orientado para o consumo. É grande a chance de que o lado prejudicado interprete esta ação como violência.

Heitmeyer vê muitos adolescentes numa situação de desorientação e busca de identidade diante do fato da individualização. Eles encontram sua identidade na comunidade da sua torcida, com seus valores. A ameaça disso não significa a simples

perda de uma atividade de lazer, mas a perda da identidade. E sem ela ninguém pode viver. Os valores dos torcedores adolescentes estão mais e mais ameaçados pela comercialização do futebol. Ela exige uma imagem limpa do futebol. A consequência são estádios “*all-seater*”, ou seja, sem a geral, aumento do ingresso, diminuição do espaço dos torcedores e elementos de shows em intervalos. Isso expulsa os adolescentes não só do estádio, mas da sua comunidade; e é bem provável que isso venha a desencadear ações violentas.

Dessa forma a violência no futebol é vista por Heitmeyer também como uma consequência da luta pela identidade, provocada pelas circunstâncias estruturais das sociedades contemporâneas. Isso não é um motivo de ação racional, que poderia ser enfrentado com leis e punições. Por isso ele pede ações educativas, pedagógicas, mais políticas para adolescentes e mais cautela com a comercialização do futebol. Mais uma vez seria interessante saber até que ponto podemos aplicar esta pesquisa da Alemanha de 1992 ao Brasil de 2006, onde o problema da violência no futebol é grave. Isso só pode ser respondido com pesquisas brasileiras. Heitmeyer oferece um instrumento e uma argumentação teórica para isso.

¹ Ver, por exemplo: CURI, Martin. Resenha de **Tor zur Welt: Fußball als Realitätsmodell. Gol para o mundo: Futebol como modelo de realidade.** THEWELEIT, Klaus. Köln: Kiepenheuer & Witsch. 2004. 234p. Esporte e Sociedade, v.1, n.1, nov.2005/fev.2006. Disponível em [www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc.](http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/) Acesso em: 14 fevereiro 2006.